

<b>Título</b>	DRAMA, MORTE E VIDA DOS ÓRFÃOS DE PAU DE COLHER: Rito, Memória e Identidade-Uma História do Percurso de Voltar à Terra.
<b>Autor</b>	ANA LÚCIA AGUIAR LOPES LEANDRO
<b>Orientador (es)</b>	Márcio de Matos Caniello
<b>Resumo</b>	<p>A presente tese procura refletir sobre a trajetória de um grupo de meninos órfãos do movimento denominado Pau de Colher ocorrido em 1938, no Norte da Bahia. A referência empírica é o grupo de trinta e duas crianças retiradas de sua região de origem e colocadas, pelo Estado, por um longo tempo, na liminaridade. A compreensão dessa trajetória e, nesta, a organização, pelos órfãos de sua communitas, não pretende restringir-se a uma trajetória desprovida de sentido e nem a um período de suspensão de papéis cujo cotidiano tenha sido superficial, banal ou um refúgio para o desencanto. Assim, o cotidiano da liminaridade, a qual foram colocados, indica uma produção social na qual a memória, com aparato do ethos, foi estratégia dos órfãos para manutenção da pertença. O entendimento da memória, como questão sociológica, nesta tese, pretende apontar sua função não só social, mas interventora no processo de constituição de um caminho de volta para órfãos que, no isolamento, se agarraram a ela para se manterem indivíduos. Esse aspecto é o eixo norteador da análise que farei a seguir, do rito de passagem dos órfãos de Pau de Colher e, para tanto, trato memória, para além de seus adjetivos, não importa, foi capaz de ser evocada e desenhar um cotidiano liminar efervescente. Apontou, assim, a possibilidade, através da memória, conhecimento do detalhe, da singularidade em lugares pouco prováveis como sentimento, amor, orgulho, honra étnica e o papel da memória nas práticas e instituições da sociedade. O cotidiano vivido pelos trinta e dois órfãos de Pau de Colher na Escola de Menores, Instituto de Preservação e Reforma, em Salvador, é defendido, neste trabalho, como o lugar de formação da communitas do grupo, lugar-depositário do ethos, após a repressão sofrida pelos pais e conseqüente intervenção do Estado na ação de deslocamento das crianças para aquele instituto. As narrativas, referenciadas pela memória do grupo, discorrem sobre a terra, seus ancestrais, a honra, a luta pela recuperação da dignidade, respeito e retorno à terra de origem. O dia a dia vivenciado pelos órfãos, na Escola de Menores, ter sido de várias maneiras, constitui-se como desafio e luta permanente objetivando fazer a "viagem de volta" a sua terra, na qual, triunfantes, se conciliaram com sua gente, como sua própria história. O estudo aqui proposto é parte do mote - "Drama, morte e vida dos órfãos de Pau de Colher: rito, memória e identidade e</p>

	<p>pleiteia a idéia que segue. Os órfãos foram subtraídos do convívio social e cultural do qual faziam parte. Permaneceram por um longo tempo na liminaridade. Por outro lado se inseriram numa <i>communitas</i>, que asseveramos concebida no Instituto de Preservação e Reforma, lugar que se constituiu no depositário de seu <i>ethos</i>. Entretanto, mais do que um rito de passagem, o que a história dos órfãos mostra, é um resgate da dignidade perdida, posto que subtraída pela repressão, vai sendo consolidada no desejo de retornar, pelo amor à terra e aos ancestrais. Percorremos o deslocamento, a agregação e o regresso que as crianças traçaram tornou possível, a este trabalho, sair da letra fria, desapaixonada e dogmática do documento oficial. Por aqui, foi possível trilhar um dos significados principais da experiência que os órfãos vivenciaram, nessa trajetória, especificamente na escola, fortalecida pela vontade de fazer a viagem de volta à terra que acreditavam terem enterrado sua alma.</p>
<p><b>Palavras-chave</b></p>	<p>Pau de Colher - Órfãos - Memória - Liminaridade - <i>Communitas</i> - Identidade - Rito - <i>Ethos</i></p>